

Isso não estava no roteiro

Kamila Joyce Lucas Peixoto

Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio Grande do norte (UFRN). Apaixonada por felinos e morfologia humana. Sou a própria velha dos gatos, amo essas quatro patinhas. Fã louca por filmes de terror e suspense. Entrei para a biologia por amor a lecionar e paixão por descobrir coisas novas sobre os seres que nos circundam. Hoje consigo agradecer cada “não” que levei sobre meu futuro, pois conquistei o que muitos procuram, estudar e trabalhar com o que gosta. Nas horas vagas, se é que existem, sou técnica em microinformática em uma empresa nacional de moda.

07

Sempre fui muito controladora com tudo que acontece comigo. Planejo desde o “oi” até o “até breve” e isso sempre foi natural para mim. O primeiro semestre de 2020 seria meu último período na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), concluiria meu último estágio e finalmente alcançaria o tão sonhado diploma. Mas é incrível o jeito da vida dizer que não há um roteiro e que imprevistos acontecem. Nunca teria previsto que aconteceria uma pandemia e atrapalharia todos meus cronogramas.

Antes da pandemia, iria estagiar no Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), lecionaria ecologia para uma turma técnica de Redes de Computadores. Com a pandemia da covid-19, todos os meus planos foram por água-abaixo. Estava perdida, sem saber como estagiária, quando terminaria, se eu teria meu diploma ainda... Tudo para mim ficou incerto, eu não tinha nenhum norte, então, pela primeira vez, me deixei levar.

Anunciaram que o semestre 2020.1 retornaria, e com ele o meu estágio. Sem nenhuma perspectiva, me inscrevi. Alguns professores de escolas públicas foram apresentados, e que num momento como esse se abriram para nos aceitar. O estágio seria em dupla, logo me agarrei com quem eu sabia que não me arrependeria, ficamos de estagiar em uma escola estadual em Cruzeta-RN.

Parecia que o destino queria rir mais um pouco de mim, pois consideramos lecionar aulas pré-ENEM. Nem em mil anos eu me imaginava ministrando esse tipo de aula, sempre acreditei nas ideologias de aulas significativas, fugia dos aulões a todo custo, não queria me tornar a professora do ‘decureba’ que cria rimas

só para que o aluno decore, mesmo que não aprenda.

Discutimos os temas mais cobrados no ENEM com nosso supervisor, o mesmo também não era fã de aulas para decorar, e queria tentar deixá-las mais aplicáveis, foi o que me motivou a tentar. Montamos aulas sobre citologia, genética e ecologia, deixamos no cronograma uma das aulas com tema livre, para ver com eles qual as suas maiores dificuldades. Como não valia nota, não era dentro do cronograma escolar, eu temia que não aparecesse nenhum aluno. Isso me deixaria frustrada e envergonhada, com medo de seguir. Tivemos alguns poucos alunos e a métrica se manteve até o último dia de aula. Nossa máxima quantidade de público foi de sete alunos.

O penúltimo aula, onde entraríamos na ecologia, seria justo na semana de aniversário da cidade. Como eu estava ganhando folgas no trabalho para estagiar, ficaria complicado solicitar uma semana a mais. O supervisor cogitou a ideia de seguirmos com o planejado, como os aulões não eram atividades oficiais da escola,



Foto por Green Chameleon/Unsplash



Foto por Engin Akyurt/Unsplash

poderia manter. Porém, nenhum aluno apareceu. Não consigo expressar em palavras a frustração que fiquei. Desde sempre me cobrei muito por tudo que acontecia ou precisava acontecer. O fato de que em um aulão não ter sequer um interessado, foi muito difícil para mim. Precisei, mais do que nunca, deixar minhas expectativas pessoais de lado. Precisava entender que imprevistos acontecem, que essa situação toda já não era meus planos, mas precisava seguir firme e me concentrar no melhor para a turma, mesmo que a turma fosse só um aluno. Nesse dia, mais que nunca, o estágio ser em dupla foi fundamental para mim. Minha parceira, como sempre, muito calma me acalmou e me fez entender que não estamos seguindo um roteiro, nossa vida não tem um script e que essas situações já eram previstas. Nosso supervisor pediu que segurássemos a aula que havíamos montado para apresentar na outra quinta-feira

(dia marcado dos aulões).

No nosso cronograma, separamos, além dos quatro aulões de duas horas, uma hora por semana para um plantão de dúvidas. Não tivemos tantas participações como eu queria. Mas sempre estávamos lá tirando uma ou outra dúvida, ajudando em alguma questão da lista que montávamos para eles com questões sobre os temas trabalhados desde o primeiro ENEM até agora.

Queria destacar aqui a participação de dois alunos em especial, os chamarei de João e Maria, preservando seus nomes. Esses dois alunos estavam sempre dispostos, tirando dúvidas e colocando situações que passaram que se refletia no tema que trabalhávamos nas aulas. O filho de Maria, algumas vezes, participou das aulas deixando-as mais alegres com aquelas tentativas de montar palavras. João, com toda sua inteligência, respondia de forma correta praticamente todas as questões que apresentávamos, tivemos que ganhar a confiança dele, pois ele tinha vergonha de falar e estar “errado”, mas foi gratificante vê-lo participando em todas as aulas. João e Maria me fizeram refletir: nem tudo saiu como eu programei, chorei de frustração, me desesperei em tentar montar aulas para aulão, sofri selecionando questões, mas o esforço valeu a pena.

Posso afirmar que isso não estava no roteiro que criei para meu último estágio, mas o improviso o fez ser melhor.